

O acordo com os bancos pode atrasar

por Celso Pinto
de Londres

A IBCA, principal agência de avaliação de crédito na Europa, prevê a possibilidade de haver um "significativo atraso" na assinatura do acordo entre o Brasil e os bancos privados internacionais. O acordo, acertado "em princípio" em julho, deveria estar assinado até o início do próximo ano.

A previsão está na conclusão de uma análise sobre o acordo entre o Brasil e os bancos, divulgada ontem em Londres pela agência e distribuída entre seus 6 mil clientes em todo o mundo. A IBCA elogia o teor do acordo com os bancos, "que parece conter os ingredientes corretos para ser uma solução sustentável", mas levanta dúvidas sobre seu futuro.

A responsável pela análise, Janine Dow, disse a este jornal que, desde a conclusão do trabalho, o cenário brasileiro ficou ainda mais incerto. "A situação ficou pior e a assinatura do acordo pouco provável", sugeriu.

A agência considera este o mais consistente acordo tentado pelo Brasil junto aos bancos credores e diz que existem vários fatores positivos que poderiam ajudar a viabilizá-lo. O fluxo externo de recursos tornou-se positivo; há um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Clube de Paris; o Brasil emitiu US\$ 2,5 bilhões de euronotas em 1991 e US\$ 4 bilhões neste ano; as bolsas subiram com a ajuda do capital externo; o programa de privatização está caminhando; e a economia está mais aberta.

No entanto, faltam dois itens cruciais: a reforma fiscal e a conclusão do acordo com os bancos. Apesar do que classifica como "marcante sucesso" do mi-

nistro da Economia, Márcio Marques Moreira, nos últimos quinze meses, o trabalho lembra que a aprovação da reforma fiscal ficou muito difícil no atual ambiente político hostil ao presidente.

Ainda existe muita incerteza sobre o futuro, diz a análise. Mas se o presidente Collor sobreviver sua reputação sairá arranhada, e as chances de ele aprovar qualquer medida econômica importante no Congresso "serão muito pequenas". O trabalho evita examinar a hipótese de o vice-presidente assumir e conclui que "parece provável haver significativo atraso na aprovação tanto do acordo de 1992 (com os bancos) quanto da reforma fiscal".

A este jornal, Janine Dow disse que caso o vice-presidente Itamar Franco se torne presidente, considerando o que se conhece publicamente sobre suas opiniões econômicas, "a probabilidade de continuar com a mesma política financeira atual é nula e o acordo com os bancos pode acabar".

As análises do IBCA costumam ter penetração especialmente entre instituições financeiras internacionais.